

DOI: <https://doi.org/10.23925/ddem.n.17.72378>

Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

REVOLUÇÃO HAITIANA: MARCO DO IMPONDERÁVEL FRATERNAL

HAITIAN REVOLUTION: MILESTONE OF FRATERNAL IMPONDERABILITY

Deisemara Turatti¹

RESUMO

Este estudo pretende revelar as conjunturas da Revolução Haitiana, sob a luz do lema da Revolução Francesa (1789). Utiliza-se como metodologias, a abordagem dedutiva, o procedimento monográfico e a técnica de pesquisa bibliográfica. O Haiti, primeiro país latino-americano a se declarar independente e, primeira república negra do mundo, foi conquistada pelo imperialismo espanhol. Com uma localização geográfica estratégica, facilitava o contrabando de mercadorias e bens e, atraía a atenção pelo solo fértil e riquezas naturais. Amargou os estragos do colonialismo, enfrentou a violência conquistadora, com a dizimação dos índios. Com isso, a Espanha traficou negros africanos para a mão-de-obra nas plantações. As disputas entre Espanha, Inglaterra e França foi intensa. Em 1791, iniciou a Revolução Haitiana. A insurreição era inaceitável e inconcebível pela metrópole. As palavras de ordem da Revolução Francesa seguiram para a colônia e, mesmo silenciada, a Revolução Haitiana desponta as nuances da fraternidade justificando-se as mazelas contemporâneas das e nas relações humanas e sociais.

Palavras-chave: Direitos humanos; Princípio da Fraternidade; Liberdade; Emancipação.

ABSTRACT

This study aims to reveal the circumstances of the Haitian Revolution, considering the motto of the French Revolution (1789). The deductive approach, the monographic procedure and the bibliographic research technique are used as methodologies. Haiti, the first Latin American country to declare itself independent and the first black republic in the world, was conquered by Spanish imperialism. With a strategic geographic location, it facilitated the smuggling of merchandise and goods and attracted attention due to its fertile soil and natural wealth. He experienced the ravages of colonialism, faced conquering violence, with the decimation of the Indians. As a result, Spain trafficked black Africans to work on plantations. Disputes between Spain, England and France were intense. In 1791, the Haitian Revolution began. The insurrection was unacceptable and inconceivable by the metropolis. The slogans of the French

¹ Doutora em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2017). Pós-doutora em Direito pelo PPGD/UFSC (2024). Mestre em Direito pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (2004), Especialista em Direito Público ênfase em Direito Constitucional pela Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC (1998); Especialista em Direito de Família pela PUC MINAS (2009), Especialista em Docência na Educação Superior pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó - UNOCHAPECÓ (2012), Graduação em Direito pela Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC, Campus Chapecó (1996). Professora Adjunta da Carreira do Magistério Superior da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA (Campus Santana do Livramento). Advogada. Tem experiência na área de Direito, com ênfase em: Direito e Fraternidade, Cidadania e Migração, Prática Jurídica e Mediação de Conflitos, Acesso à Justiça e Políticas Públicas. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Direito, Cidadania, Fraternidade - DICIFRA/CNPQ. deisematuratti@unipampa.edu.br. <http://lattes.cnpq.br/3978473576279102>. <https://orcid.org/0000-0002-3256-4164>.

Revolution followed to the colony and even silenced, the Haitian Revolution highlights the nuances of fraternity, justifying the contemporary ills of and in human and social relations.

Keywords: Human rights; Principle of Fraternity; Freedom and emancipation.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende revelar as circunstâncias da Revolução Haitiana, sob a luz das concepções teóricas da fraternidade, uma das expressões marco do lema da Revolução Francesa (1789): Liberdade, Igualdade, Fraternidade.

Utilizando-se para este estudo como metodologias, a abordagem dedutiva, o procedimento monográfico e a técnica de pesquisa bibliográfica, dividiu-se o trabalho em três partes, a seguir enunciadas e explicadas.

Inicialmente aborda-se as conjunturas da Revolução Haitiana, os fatos históricos que foram marcantes para a culminação da revolta da população residente na Ilha de São Domingos; em sequência trata-se da não aceitação pelas Metrôpoles da rebelião promovida pelos colonizados negos; e por fim, estuda-se a Insurreição Haitiana a partir do tríptico da Revolução Francesa – Liberdade, Igualdade e Fraternidade –, notadamente a presença e influência da concepção Fraternidade, apontando seu alcance e consequências no desfecho da revolução.

1 CONJUNTURAS DA REVOLUÇÃO HAITIANA

O Haiti, um país situado em parte de uma ilha, na porção oeste, no mar do Caribe, possui limitação terrestre no componente leste com a República Dominicana. A região era ocupada por nativos, denominados de índios, da tribo aruaques², quando, em 1492, Cristóvão Colombo chegou à região insular e foi este navegador e conquistador genovês que batizou a colônia como Hispaniola (atualmente Haiti e República Dominicana).

Adverte-se que, pensando terem chegado às Índias, os espanhóis chamaram impropriamente os nativos que encontraram na América de índios. O primeiro contato com a

² Aruaques são os numerosos grupos indígenas da América (Bolívia, Brasil, Colômbia, Guiana, Paraguai, Peru, Venezuela e Antilhas) cujo idioma e todas as variações eram provenientes do tronco linguístico Arawak, que significa comedor de farinha.

América, ocorreu nas ilhas do Caribe e nas costas tropicais da América Central e do Sul. (Lopes; Queiroz; Acca, 2013, p. 80).

A região conquistada pelos espanhóis era riquíssima em espécies vegetais e animais, além das paisagens e do clima tão diferentes e, por fim, encontraram seres humanos e culturas de cuja existência nunca desconfiavam³. Os europeus introduzem como cultivo na nova colônia a produção da cana de açúcar, cuja mão de obra, obviamente, estava a cargo dos indígenas, os quais apenas algumas centenas permaneceram, uma vez que grande parte da sua população pereceu, por causa das condições de trabalho cruéis a que foram submetidos os nativos⁴.

A relação dos espanhóis com os índios ficou cada vez mais dramática nas primeiras décadas da colonização,

Com o tempo, os índios tornaram-se vítimas de um processo violento de submissão a trabalhos forçados, deslocamento de suas terras, mortes e extermínio. A dizimação foi tão intensa que, [...], a primeira colônia fundada na América, denominada Hispaniola [...], entrou em declínio devido ao desaparecimento de mão-de-obra indígena local, obrigando os espanhóis a buscarem-na em outras regiões do Caribe. (Lopes, Queiroz, Acca, 2013, p. 81).

Porém, a Ilha amargou os estragos do colonialismo, enfrentou a violência conquistadora, sofrendo deveras as suas consequências. A dizimação foi tão intensa que a Espanha traficou negros africanos⁵, a fim de que se submetessem a mão-de-obra nas plantações das colônias para repor as perdas, sendo adotado o trabalho escravo ainda no século XVI, para o plantio dos produtos e para abastecer o comércio. Destacam-se as espécies de cana-de-açúcar, café e algodão, como as mais cultivadas na época.

Na segunda metade do século XVII, a França empreendeu-se em colonizar novas terras, acontecimento que desencadeou conflitos nas imediações da região insular. Os franceses foram entrando cada vez mais no território espanhol, conquistando espaços e atacando as populações que estavam em seu caminho. Conforme avançavam, perceberam o quão a colônia era desabitada e, sem oposição, seguiram com suas conquistas até serem criados os primeiros

³ Quanto aos espécimes vegetais, destaca-se a descoberta pelos espanhóis nas Américas da batata, do tomate, do milho e das inúmeras formas que podem estes produtos serem utilizados na alimentação. (Lopes; Queiroz; Acca, 2013, p. 80).

⁴ Quase um século após o contato inicial com os espanhóis, os povos aruaques do Caribe estavam praticamente dizimados pelas doenças trazidas pelos europeus (principalmente a varíola e o sarampo), pela violência e pelos trabalhos forçados a que foram submetidos pela ação dos colonizadores.

⁵ Os primeiros negros escravos foram trazidos por volta do ano de 1518. (Abbott; *et al*, 2014).

assentamentos franceses: Cul-de-Sac e La Yaguana. A partir de então, as terras ocupadas pelos franceses passaram a chamar-se Saint-Domingue. (São Domingos) (Abbott; *et al*, 2014).

A costa situada ao norte das ilhas, território dos espanhóis do qual os franceses se apropriaram, apresentava uma localização geográfica estratégica, que facilitava o contrabando de mercadorias e bens por meio de navios que atravessavam a área e, atraía a atenção pela potencialidade fértil e surpreendente daquelas terras. (Abbott; *et al*. 2014).

Todo esse processo de chegar a um novo mundo e colonizá-lo, acendeu passagem para a importação de negros escravos provenientes da África, mas também abriu caminho para uma nova ideologia, a qual haveria de perseguir essas pessoas e seus descendentes durante os séculos seguintes, bem como a definição de seu status no contexto político-social. (Abbott; *et al*, 2014).

De acordo com Blackburn. (2002, p. 18), a navegação pelo Atlântico, a escravidão e o processo de colonização das Américas por países europeus, fizeram do Novo Mundo o mais conveniente e lucrativo ramo do comércio para a Europa⁶, desde o século XVII e no século XVIII:

Por volta de 1770 quase dois milhões e meio de escravos labutando nos campos, engenhos, minas, oficinas e residências das colônias do Novo Mundo. A mão-de-obra escrava produzia os artigos mais desejados e importantes do comércio atlântico e europeu: açúcar, café, algodão e cacau do Caribe; tabaco, arroz e anil na América do Norte; ouro e açúcar na América do Sul espanhola e portuguesa. Essas mercadorias representavam cerca de um terço do valor do comércio europeu, [...]. (Blackburn, 2002, p. 15).

Contudo, no período entre 1776 e 1848, observaram-se inúmeras contendas envolvendo o império com o regime de escravidão das colônias, ocasionando a resistência e muitas lutas em meio aos colonos, escravos e o controle do aparato estatal (império transatlântico) nos mais importantes domínios que mantinham os países europeus no Novo Mundo. (Blackburn, 2002, p. 15).

As disputas entre Espanha, Inglaterra e França para o controle da ilha no Caribe não teria interrompido sem a mediação de outros países europeus, o que levou à assinatura de tratados, no entanto, ressalva-se que para essas resoluções, a opinião da população não-europeia que

⁶ “Em meados do século XVIII a Grã-Bretanha e a França eram, [...], os Estados mais poderosos, esplêndidos e dinâmicos do mundo. [...] Depois de Portugal, Espanha e países Baixos, haviam criado uma rede mundial de colônias e bases comerciais. Foram os primeiros impérios verdadeiramente globais e transoceânicos da história humana.”. (Blackburn, 2002, p. 18).

habitava a ilha não foi considerada, uma vez que somente era considerado Homem, o europeu e masculino. (Abbott; *et al*, 2014).

Nesse norte, em fins do século XVII, precisamente no ano de 1697, por meio do Tratado de Ryswick⁷ envolvendo Espanha e França, a parte oeste da Ilha tornou-se colônia francesa. A partir de então, se tornaria a principal fonte de riqueza explorada pela França, com a produção de aproximadamente dois terços do açúcar comercializado no mundo nas décadas que antecederam o processo de independência de São Domingos.

Para a plantação e fabricação em grande quantidade desse produto era necessário um contingente de quase quinhentos mil escravos nas fazendas da ilha de São Domingos⁸. A população branca, formada pelos proprietários e administrados, era em menor número e poucos, muito poucos eram os mulatos e ex-escravos que conseguiram certa ascendência social.

A ocupação francesa da ilha Hispaniola trouxe como implicação, inúmeros e constantes conflitos entre as potências (França – Espanha - Inglaterra) pelo domínio do território da ilha, fatos que culminariam em sua divisão, pelo Tratado de Aranjuez, firmado na cidade de Aranjuez na Espanha, no ano de 1777. Por este acordo terminam as disputas sobre as fronteiras, mas não os problemas de convivência entre as duas colônias tão diferentes, os mesmos que repercutiam em toda a Espanha. (Abbott; *et al*, 2014).

Com o Tratado de Basileia, firmado na cidade de Basel, Suíça, no ano de 1795, termina a guerra e estabelece-se o acordo de paz entre Espanha e França. O documento, instituiu que a França devolveria os territórios tomados na Espanha e em compensação a recuperação das terras, a Espanha abdicaria à França a parte oriental de São Domingos (atualmente República Dominicana) uma vez que os franceses já dominavam a parte ocidental da ilha (o atual Haiti).

A notícia do Tratado firmado entre Espanha e a França logo repercutiu entre a população de São Domingos:

Você tem que imaginar o que produziu esta notícia em uma população que tinha mais de um século em luta constante pela sobrevivência contra a entrada e a usurpação de terras pelos franceses e cujos esforços durante estes últimos dois anos tinham sido dirigidos precisamente para expulsá-los, mas em cujas

⁷ O Tratado de Ryswick foi assinado em 20 de setembro de 1697 e colocou termo à Guerra dos Nove Anos, na qual a França combateu a Grande Aliança, também conhecida como Liga de Augsburgo (Áustria, Baviera, Brandemburgo, Sacro Império Romano Germânico, Roma, Japão, Inglaterra, Eleitorado do Palatinato, Portugal, Saxônia, Espanha, Suécia e Províncias Unidas). O tratado recebeu este nome por ter sido firmado na cidade holandesa de Ryswick (hoje Rijswijk). Por este acordo, entre outras convenções, ficou determinado que a França recebesse da Espanha a parte ocidental da ilha de São Domingos que já estava habitado pelos franceses (atual Haiti) e aos espanhóis caberia a parte oriental (hoje República Dominicana).

⁸ A estimativa da população escrava da colônia na América Francesa (Caribe) em 1770 era de 379. 000 escravos em um total de 430. 000 habitantes. (Blackburn, 2002, p. 17).

mãos ela caiu agora, por uma decisão que não teve participação alguma. A luta contra os franceses havia despertado e definido no povo de São Domingos um verdadeiro sentimento de nacionalidade, em termos de uma hispanidad mais ilibada. (Moya Pons, 1980, p. 78).

Esses três tratados desempenharam um papel importante no que diz respeito à divisão do território de São Domingos. Iniciou com o simples desejo de abranger cada vez mais terras, e levou a simples ideia: "Eles lá e nós aqui". (Abbot; *et al*, 2014). Em outras palavras, pode-se complementar que esta postura reforçou a ideologia escravista, acrescentando, assim, a discriminação, a violência e o racismo dos brancos em relação aos negros europeus africanos.

As ideias da Revolução Francesa já ecoavam além-mar nas colônias e provocavam discussões sobre a igualdade das "gentes de cor livres", ou seja, a propósito de dar a liberdade aos mulatos e aos escravos negros, provocaram, desde o ano de 1789, violentos tumultos nas Antilhas. (Godechot, 1969, p. 114). Permanece com o entendimento o Godechot (1969, p. 75) ao aludir que, o que provocou a violência nas colônias francesas das Antilhas (Ilha de São Domingos), foi a obstinação dos colonos brancos em negar-se a aceitar a igualdade dos direitos civis aos mulatos e negros livres.

Em 1791, iniciou a Revolução Haitiana, movimento intenso pela libertação dos escravos e, em 1º de janeiro de 1804, foi proclamada a independência do Haiti.

No próximo item aborda-se quanto à ocorrência da Revolução Haitiana, promovida pelos colonizados e de que forma foi concebida pela metrópole.

1.1 A inconcebível rebelião dos colonizados

Em agosto de 1791, houve uma grande rebelião e os negros organizaram-se em facções armadas, conforme a nacionalidade africana originária⁹. A situação de São Domingos estava insustentável, tanto que chegou ao ponto que as cerimônias fúnebres eram consideradas motivos de comemoração entre os familiares e amigos, tendo em vista que a morte os libertava da

⁹ Nações africanas que se destacaram no tráfico de escravos para as colônias francesas: Guiné, Congo e Angola.

violência cruel e tratamento degradante a que eram submetidos, “a morte o havia libertado das correntes”. (Baggio, 2008, p. 42).

A revolução deu-se na parte oeste da ilha de São Domingos (atual Haiti), feita por negros cativos e libertos e culminou em uma verdadeira revolução, destruindo o sistema escravagista de plantação e transformou o Haiti no primeiro país negro, fora do continente africano.

Esta insurreição foi alcançada graças à liderança auspiciosa de Toussaint Louverture¹⁰, conhecido como “The Black Napoleão”, um ex-escravo que teve a oportunidade de aprender a ler e escrever, falava o crioulo, o francês e outras línguas latinas, teve acesso a bibliotecas, autodidata, obteve a reputação de hábil cavaleiro e ainda exibia conhecimentos com o uso de plantas medicinais e ervas.

Juntamente com outros escravos, Toussaint alcançou feito incomum, fato que Michel-Rolph Trouillot registrou como o “impensável”,

[...] algo que a cultura europeia não conseguia admitir nem mesmo teoricamente: meio milhão de escravos importados da África rebelaram-se contra os próprios senhores, lutaram durante treze anos, desvencilhando-se militar e politicamente de três grandes potências europeias, derrotando até mesmo a expedição enviada por Napoleão, e decidiram tornar-se um povo, transformar-se num Estado independente. (Baggio, 2008, p. 41 – 42).

Ao explicar sobre a enorme atuação de Toussaint Louverture, Blackburn (2002, p. 41 - 43) demonstra como “Com sensibilidade afinada com as forças cosmopolitas da época, ele segue o impulso revolucionário transatlântico a cruzar o oceano de São Domingos a Paris e de volta ao Caribe”, a fim de evidenciar que “[...] os interesses de emancipação podem prevalecer contra as leis e os costumes antigos e o espírito de impiedosa acumulação” e exploração de ideias que vigoravam na Europa em contraposição aos empenhos de colonos e escravos que ocupavam as colônias.

Além da fragmentação dos revoltosos, ao mesmo tempo que tanto a Espanha, quanto a Inglaterra buscavam se aproveitar da fragilidade da França para dominar o território a oeste da ilha. A princípio os bandos se vincularam aos espanhóis para derrotar a França, mas Toussaint

¹⁰ François Dominique Toussaint (1743- 803), conhecido como **Toussaint-Louverture**, nascido na plantação de Bréda, próximo ao cabo francês em Santo Domingos, filho de escravos, torna-se cocheiro do proprietário da plantação e é alforriado em 1777. Durante a revolta dos escravos negros no Norte de Santo Domingos, em agosto de 1791, alia-se aos revoltosos. Vence várias batalhas, torna-se um símbolo da liberdade dos negros e foi o maior líder da Revolução Haitiana, tendo posteriormente assumido a posição de governador de Santo Domingos (atual Haiti), forçando os representantes da França a retirar-se da ilha. Em 1802 o general Leclerc, a mando de Napoleão Bonaparte dirige-se a Santo Domingos para restabelecer a autoridade da França, manda render Toussaint, que é deportado para a França, preso no Forte de Joux e morre em 7 de abril de 1803. (Godechot, 1989, p. 390).

se deu conta que se permanecessem nessa militância, dificilmente os escravos conseguiriam sua libertação, era preciso mudar de lado, ou seja, aliar-se aos franceses, uma vez que “As ideias de liberdade e de emancipação que, se aplicadas universalmente, teriam aberto a possibilidade de um futuro político aos Negros, vinham somente da França revolucionária.” (Baggio, 2008, p. 25).

Episódio que historicamente sempre esteve ligado aos habitantes do Novo Mundo, sejam os índios ou os negros, estes, pelo sistema escravagista, dizem respeito à questão da humanidade destes povos. Baggio (2015, p. 24) ressalta que “É uma expressão desta mentalidade, a difusa convicção de que os escravos africanos e afro-descendentes de Saint-Domingue tenham ‘feito’ a revolução, mas que eles não a tenham realmente ‘pensada’”. Em outras palavras, quer referir que foi a partir da Revolução Francesa que as palavras de ordem seguiram para a colônia e produziram movimentos para que os negros agissem em favor da própria emancipação e buscassem sua libertação e não o inverso.

As notícias sobre a insurreição de escravos em São Domingos foram recebidas pelo povo francês com muito ceticismo. O fato de que os negros poderiam se rebelar desta forma era impensável para os políticos e filósofos da época. Incredulidade que restou refletida em muitas teorias que se formaram para justificar tal postura dos negros.

A hipótese da intervenção de conspiradores brancos e traidores, que tenham manipulado os escravos e os líderes da revolução foi considerada a mais plausível. Outra comprovação deste levante de insubordinação teria sido um surto de icterícia que atingiu e padeceu muitas vidas das tropas francesas, motivando desta feita o enfraquecimento dos grupos armados. Ou seja, a revolução dos negros da colônia francesa não foi atribuída ao desejo natural dos escravos em auferir pela sua liberdade (Abbott; *et al*, 2014), posto que estes eram considerados como seres inferiores e com limitada capacidade intelectual.

Na Europa daquela época não se qualificou essa insurreição com o termo de Revolução, tão pouco se aceitou a vitória dos negros sobre as tropas de Napoleão Bonaparte. Contudo, o lance mais difícil tanto dos cientistas, quanto dos políticos e da sociedade burguesa era reconhecer que uma ex-colônia se tornou um novo Estado independente¹¹.

Com a intenção de explicar a essência da inaceitável e inconcebível insurreição como foi atribuída à Revolução Haitiana, Abbott; *et al* (2014) com base nos escritos de Trouillot

¹¹ Os Estados Unidos e o Vaticano reconheceram a independência do Haiti na segunda metade do século XIX, mas os acontecimentos da revolução, como tal, não foram equiparadas com ideologias ocidentais até o primeiro trimestre do século XX. (Abbott; *et al*, 2014).

apresentam o alcance filosófico e político da época do Iluminismo, conjuntura histórica da Europa em que sucedeu a conflagração de escravos na colônia de São Domingos, conforme segue nos parágrafos seguintes:

Naquele período, filósofos europeus reconceitualizavam a ordem ontológica, a natureza do homem e a importância da liberdade. Esses conceitos eram desenvolvidos em paralelo com os eventos históricos, como a descoberta da América, o tráfico de escravos africanos e a crescente expansão das colônias. O encontro entre o homem ontológico, corrente filosófica que tem como base o homem, por um lado, e a prática colonial, por outro, promoveu o aprofundamento da ambiguidade entre esses dois âmbitos.

Os cientistas não-ocidentais percebiam o tempo do Iluminismo com muita confusão, desordem e não existia uma concepção uniforme sobre os negros ou a respeito de qualquer outro grupo não branco (ex. : indígenas). O que foi feito consistiu em defini-los e/ou submetê-los a grupos não-europeus, em diferentes planos filosóficos, ideológicos e práticos que se baseavam na aceitação e presunção de distintos graus de humanidade dentro do mesmo ser humano. Independentemente do critério em que se orientavam estas classificações - ontológicas, éticas, políticas ou pragmáticas - estes esquemas afirmavam que alguns homens eram mais homens do que outros. Dessa forma, até final do século XVIII, se desenvolveu uma nomenclatura em cujo ápice está o homem europeu, enquanto a base foi reservada para os povos africanos ou os nativos americanos.

Muito embora a classificação fosse abstrata, esta foi se reproduzindo cada vez mais até o ponto de fazer parte dos discursos, embora as práticas coloniais e literatura filosófica entravam em contradição, ou seja, naquela época se poderia ser contra a escravidão, por razões práticas, e a favor do racismo, por razões filosóficas.

Exemplificando a postura da época, denota-se que Voltaire era racista e fazia uso dos escravos por motivos práticos, já que moralmente era contra a escravidão (David Hume e Adam Smith agiam da mesma maneira). O fato consiste em que o bem-estar de muitos dos pensadores europeus dependiam direta ou indiretamente, da exploração de escravos africanos, o que justifica tal alusão em seus discursos filosóficos. (Trouillot, 2008, p. 82 *Apud* Abbott; *et al*, 2014).

A colonização deu um novo impulso para transformar o etnocentrismo europeu em um racismo científico. Uma vez que a posição dos negros foi garantida na escala mais baixa da nomenclatura ocidental, o racismo anti-negro tornou-se um elemento-chave na ideologia dos

plantadores do Caribe. Quando ocorreu a Revolução Haitiana, já havia ancorado as ideias da iluminação na paisagem ideológica em ambos os lados do Atlântico.

A Revolução Haitiana era inconcebível, porque a ideia da rebelião dos negros escravos da colônia, encontrava-se fora dos limites de entendimento e aceitação, tanto dos partidários, quanto dos adversários da raça, do colonialismo e da escravidão que se praticava nas Américas.

Nada obstante, os franceses não reconheciam a condição de liberdade e igualdade ao povo negro, porque, naquela época, o tráfico de escravos e a economia escravagista, consistiam na base fundamental da economia da França e assim sucedeu-se durante todo o período da Revolução Francesa¹². Além disso, outro pretexto para a não aceitação da inclusão dos negros nos direitos assegurados pela Declaração consiste em que “Até aqueles que queriam abolir a escravidão – e eram uma minoria – acreditavam, quase todos eles, na inferioridade natural dos povos africanos”. (Baggio, 2008, p. 48).

De fato, a insurreição na colônia iniciou durante a Revolução Francesa quando, entre outros fatores já explicitados, a colônia francesa auferia maior autonomia e representatividade no parlamento, fatos que provocaram disputas e dissidências internas entre brancos, mulatos e negros, bem como ao surgimento de uma série de desordens e revoltas da população escrava nas colônias.

De uma rebelião, modifica-se para uma revolução, em que participam de forma direta ou indiretamente a França, a Espanha e a Inglaterra. Como consequência, sob a liderança de Toussaint, a população negra e os ex-escravos obtêm o domínio da porção oeste da ilha de São Domingos (colônia francesa) e alcançam o seu governo, mas permanecem sob a tutela da França. Somente no ano de 1804, com Jacques Dessalines, o Haiti torna-se um país independente e separa-se definitivamente da França. Sendo que o restante da ilha, a porção leste, continua sob o império da Espanha e hoje corresponde à República Dominicana.

Conforme Trouillot (2008, apud Abbott; *et al*, 2014), o silêncio histórico da Revolução Haitiana se perfaz como estratégia para apagar o protagonismo dos negros na insurreição e visa minimizar e relativizar os eventos revolucionários, de modo que toda a cadeia geral dos acontecimentos é completamente banalizada.

Ademais, tal atitude se encaixa no rebaixamento histórico cujos temas como racismo, escravidão, colonialismo têm sido relegados a segundo plano. Mesmo com a importância destes

¹² “A colônia representava dois terços dos lucros comerciais da França.” Entre os protagonistas da Revolução Francesa, encontra-se a classe de mercadores, a chamada “burguesia marítima”, no entanto, apesar de eles combaterem o despotismo monárquico e o sistema feudal, não discutiam e não protestavam sua atuação nas colônias francesas. (Baggio, 2008, p. 44).

assuntos para compreender a formação do Ocidente, nenhum desses temas jamais se tornou um centro da tradição historiográfica em um país ocidental. As questões do colonialismo e do racismo até aparecem na história mundial, mas o menos importante neste contexto é o que ocorreu na Revolução Haitiana. Nesse sentido,

O silenciamento da Revolução Haitiana é de apenas um capítulo dentro de uma narrativa de dominação global. É parte da história do Ocidente e é provável que persistem, mesmo em forma atenuada, enquanto a história do Ocidente não é recontada de forma a trazer para a frente da perspectiva do mundo. Infelizmente, não estamos nem perto de tal reescrita fundamental da história do mundo, apesar de algumas realizações espetaculares. (Trouillot, 2008, p. 106 *apud* Abbott; *et al*, 2014).

O padrão ainda não suplantado para a compreensão da luta contra a escravidão na colônia francesa de São Domingos, diz respeito ao impacto que os acontecimentos revolucionários na metrópole puderam trazer como influência nos diferentes impulsos, em face da incursão das classes nos fatos extraordinários da revolução no Caribe, na década de 1790.

No item a seguir aborda-se a influência do marco revolucionário francês ocorrido em 1789 e a importância que as ideias e ideais em torno do lema da Revolução - Liberdade, Igualdade, Fraternidade – influenciaram para a ocorrência e o desenlace da Revolução Haitiana. Trata-se em especial, quanto a concepção da fraternidade.

2 A FRATERNIDADE DA REVOLUÇÃO FRANCESA TORNA-SE REAL

As palavras de ordem da Revolução Francesa – Liberdade, Igualdade, Fraternidade - seguiram para a colônia e, sob a liderança de Toussaint Louverture, produziram movimentos junto aos negros para lutar pela própria emancipação e libertação.

Não se tratava apenas de uma estratégia de ação de Toussaint. Por meio de correspondências com o governo francês, esse líder revolucionário teve uma nova postura, “[...] que o conduzirá a **retomar as ideias de liberdade, igualdade e fraternidade**, a desenvolvê-las também teoricamente e a **dar a elas uma aplicação** que, para a cultura europeia, representava ‘o impensável’”, é o que esclarece Baggio. (2008, p. 25, grifos nossos).

Além disso, quanto a tática empregada por Toussaint com os novos ideais na Revolução Haitiana, elucida Baggio. (2008, p. 25):

Através da ideia da fraternidade, **Toussaint**, a partir de 1793, **chama os negros dos diversos bandos**, a unirem-se, a abandonarem o serviço da

Espanha e da Inglaterra para aliarem-se, ao invés – situação certamente paradoxal – com os seus antigos patrões, com a França. Ele **estabelece uma nova sinonímia entre três conceitos: ser irmãos, ser fraternos, ser republicanos.** (Grifos nossos)

A fraternidade serviu a Toussaint Louverture, como principal guia da insurreição, para “fazer de todos os negros uma realidade unitária” e, além disso para cometer o ideal da diferença, com isto mostra a outra face da fraternidade, no sentido de revelar que “[...] os irmãos, de fato, são iguais na sua liberdade de ser e fazer cada um segundo a própria personalidade”. Dessa forma, ele “[...] implanta e desenvolve a ideia de um modo diverso de ser ‘Franceses’, mantendo as características específicas da liberdade e da igualdade republicanas: a ideia de ser um novo povo, o Povo Negro”. (BAGGIO, 2008, p. 26).

A questão do universalismo da Revolução Francesa se revelou exclusivamente aos que se envolveram nela própria e não teve a preocupação com o outro, com o diferente. De forma diversa é o que se encontra com a Revolução Haitiana - a Revolução Negra – que apresenta um pensamento novo no que reporta a diversidade e aos Direitos Humanos, como expõe Baggio. (2008, p. 26):

1) Concretização institucional à fraternidade: com a independência de São Domingos e a manutenção de vínculos excepcionais com a França – “Estado associado” (ideia odiada por Napoleão) e conservação de direitos e deveres iguais aos diferentes;

2) Fundamentação religiosa dos direitos: “[...] os Direitos Humanos pertencem plenamente, por direito superior, a cada homem e a cada grupo humano assim como o é, na sua imperfeição e na sua real e histórica condição.”

Toussaint decifrou os ensinamentos da Revolução Francesa de forma original e os agregou em uma visão complexa dos seres humanos e seus direitos. Defendeu a condição humana do Negro e manifestou que “a imperfeição é comum a todos os seres humanos; [...]. Defendendo o Negro, ele defendeu o ser humano.” (Baggio, 2008, p. 30).

Convém destacar que as palavras de Toussaint se aproximavam mais da Declaração de Independência de 1776 do que da própria Declaração francesa de 1789, haja vista que em comum ao seu posicionamento existe com aquela uma procedência bíblica. O que elucida a postura adotada diante da Revolução Haitiana no sentido de que “[...] a força do seu pensamento e não somente com a ação, Toussaint foi capaz de expressar, através dos direitos violados de

um povo, os direitos de todos. Ele transformou a imperfeição em diferença; e a diferença em liberdade”. (Baggio, 2015, p. 30).

A Revolução Haitiana proporcionaria um teor mais concreto ao artigo primeiro da Declaração dos Direitos do Homem de 1789, que versa: “Todos os homens nascem livres e iguais perante a lei”. À expressão “todos”, a revolução do Caribe incluía todos os negros nesta condição universal de liberdade e igualdade.

No entanto, a Revolução Haitiana traz como especificidade elementar o fato de que a insurreição promovida pelos negros de São Domingos, conseguiu “[...] uma real universalidade aos princípios da Revolução Francesa; universalidade que os fatos de 1789 não tiveram, porque considerava a humanidade generalizando um modelo específico de homem, o europeu”. (Baggio, 2008, p. 49).

Motivações estas que conduziram o povo haitiano deliberadamente a repudiar que a sua revolução seja consentânea da Revolução Francesa, uma vez que para que o projeto da modernidade seja concretizado, é fundamental reconhecer o outro não apenas como um igual no sentido abstrato, mas acolhê-lo em sua especificidade, em outras palavras: “reconhecer o igual na diferença”. (Baggio, 2008, p. 51-52).

Eis aqui a grande lição que a Revolução Haitiana deixou para a história e que encontra na contemporaneidade muitas resistências para sua percepção e aceitação de que os matizes da fraternidade podem, inclusive, fundar Estados e, além disso, é “[...] capaz de sustentar o golpe que a Revolução negra desferiu contra o falso universalismo com que a cultura europeu-ocidental interpretava – e, talvez, ainda hoje interprete – princípios declarados universais”. (Baggio, 2008, p. 53). Além disso, adiciona o supracitado autor que, “O Haiti é o testemunho vivo de que a liberdade e a igualdade, sem essa fraternidade, podem voltar-se numa situação contrária e que só a fraternidade permite que se alcance o humano”. (Baggio, 2008, p. 52).

Dessa forma, conhecer a história dos povos, especialmente os que mais padeceram com as implicações contrárias ao que se propunha como ideal para a modernidade, tem o condão de mostrar, como aduz Baggio. (2008, p. 55), “a verdadeira riqueza e a verdadeira miséria do que proclamamos”, como a história do Haiti, que produz uma abertura a um “novo horizonte político” para a época contemporânea, a fim de

[...] construir uma nova visão da política, baseada numa visão mais completa do homem, capaz de suscitar novas ideias e novos modelos políticos, que não sejam impostos pela força, mas que correspondam às exigências dos diversos povos. [...] procurando [...] a riqueza dos novos significados que a vida - e, em especial, o relacionamento construtivo com as outras culturas – poderá

introduzir nelas.

Quem sabe seja esta a grande contribuição deste fatídico evento para a humanidade, por mais que permaneceu velado por historiadores, cientistas e outros pesquisadores, tem a revelar as nuances da fraternidade para a concepção falha da modernidade, eis que este princípio foi deixado de lado e não se consolidou e, por este motivo, pode-se justificar as mazelas em relação às relações humanas, sociais e políticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No término deste estudo, se pode perceber a importância como que a união e força de um povo marginalizado pode empreender em busca de seus ideais, no caso, a liberdade e a igualdade, para a promoção de uma insurreição.

Não obstante, torna-se evidente que estas concepções somente tiveram êxito partir da ideia da força da fraternidade, componente do tríptico da Revolução Francesa o qual elevado ao seu grau máximo de compreensão teórica e prática culminou com a Revolução Haitiana.

Irrrompendo os padrões de uma época eurocentrista, o feito alcançado pelos habitantes da Ilha de São Domingos, foi (ou ainda o é) um evento histórico silenciado, de tal modo como as concepções que norteiam os estudos da fraternidade.

Este talvez seja a grande contribuição deste trabalho, dar visibilidade à fraternidade, como um vetor jurídico-político relevante a ser redescoberto e compreendido, bem como a ser impulsionado e provocado na academia, como forma de desvendar, não apenas o seu silenciamento, mas também para abarcar muitos fatos históricos que compõem a história mundial, tal qual se promoveu neste trabalho com os eventos da Revolução Haitiana.

REFERÊNCIAS

ABBOTT, Cesar; *et al.* Haití y la República Dominicana: un conflicto con presente, pasado y futuro. *In: Ideología esclavista*, 2014.

BAGGIO, Antonio Maria. (Org.). **O princípio esquecido 1** – a fraternidade na reflexão atual das ciências políticas. São Paulo: Cidade Nova, 2008.

BAGGIO, Antonio Maria. A ideia de fraternidade e a fundação dos Direitos Humanos no contexto colonial – a contribuição do pensamento negro. *In: Revista diálogos possíveis*, Salvador, ano 14, n. 2, p. 20-30, jul. /dez. 2015.

BLACKBURN, Robin. **A queda do escravismo colonial: 1776 – 1848**. Tradução de Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro. São Paulo: Record, 2002.

GODECHOT, Jacques. **A Revolução Francesa** – cronologia comentada 1787-1799. Tradução de Julieta Leite. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

MOYA PONS, Frank. **Manual de história dominicana**. 5. ed. Santiago: UCMM, 1980.

LOPES, José Reinaldo de Lima; QUEIROZ, Rafael Mafei Rabelo; ACCA, Thiago dos Santos. **Curso de história do Direito**. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: Método, 2013.

Recebido – 04/07/2025

Aprovado – 03/06/2026